

**AS CANÇÕES DIZEM MAIS:
DESVENDANDO AS METÁFORAS PRESENTES
NAS MÚSICAS SERTANEJAS**

Josiane Silveira Coimbra(UFJF)

josicoimbra86@hotmail.com

Margareth Myriam da Rocha(UFJF)

alexstotes1@hotmail.com

Nívia de Souza Costa(UFJF)

niviacosta@hotmail.com

Tays Angélica Rezende(UFJF)

trezende85@hotmail.com

1. Introdução

A linguística cognitiva rompe com o paradigma científico centrado nas descrições das estruturas das línguas (com foco no significante) e começa os modernos estudos sobre a linguagem (com o foco no significado).

Dentre os diversos estudos propostos pela linguística cognitiva, Geoge Lakoff e Mark Johnson (2002), base teórica do nosso estudo, no livro *Metáforas da Vida Cotidiana*, rompem com a ideia de que a metáfora é apenas um artifício literário e defendem que ela assume uma função fundamental no nosso sistema conceptual.

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as principais metáforas empregadas nas músicas sertanejas e, a partir dessas observações, estabelecer os conceitos metafóricos mais comuns nessa área musical.

O *corpus* da presente pesquisa é constituído por 69 canções, de quatro duplas sertanejas famosas entre os brasileiros, e nele encontrou-se cerca de 20 metáforas, de acordo com o modelo proposto por Lakoff e Johnson (2002).

Dentre as canções analisadas, foram encontradas metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais.

2. *Questões teórico-metodológicas*

A perspectiva metodológica da pesquisa está relacionada com o fundamento teórico proposto por Geoge Lakoff e Mark Johnson (2002), no livro *Metáforas da Vida Cotidiana*. Esse estudo propõe um rompimento com o conceito metafórico, geralmente presente em estudos tradicionais, no qual diz que a metáfora é apenas um artifício literário, usado apenas com o intuito de “embelezar” o texto. Esses dois autores propõem uma visão nova, na qual a metáfora está presente no cotidiano dos usuários de qualquer língua.

O corpus do presente trabalho foi composto pela análise de 69 canções, de quatro duplas brasileiras famosas: Chitãozinho e Xororó, Gino e Geno, Teodoro e Sampaio e por fim Zezé di Camargo e Luciano. Encontramos, nesse recolhimento de dados, em torno de 20 metáforas diferentes. Isso pode ser uma evidência da hipótese levantada pelos autores, nos quais inspiramos nossos fundamentos teóricos, de que a metáfora está presente em nossa “vida cotidiana”.

Os dois pesquisadores colocam a existência de três tipos de metáforas: as orientacionais, as ontológicas e as estruturais, as quais serão explicitadas mais abaixo.

3. *A semântica sob a ótica do estruturalismo e o gerativismo*

Para a fundamentação do presente trabalho, foram visitados alguns conceitos norteadores da linguística cognitiva, os quais são de incontestável importância em relação ao estudo e análise das metáforas presentes em nossa vida cotidiana, sobretudo nas canções sertanejas, foco de nossa análise.

No século XX, despontaram duas teorias formalistas nos estudos científicos da linguagem, o Estruturalismo e o Gerativismo, de acordo com as quais privilegiava-se o significante em detrimento do significado que, por sua vez, era subfocalizado.

A Semântica Estruturalista opera com a noção de valor opositivo, descrevendo o sistema linguístico pela Teoria dos Traços que, baseada na Hipótese Forte da Composicionalidade, postula que o produto é igual ao resultado da soma das partes que o integram. Já a Semântica Gerativista, cujo foco também é o significante, opera com

modelos matemáticos, focalizando a competência linguística e , assim como os estruturalistas, primam pelo centro da gramática e analisam os modelos mais regulares.

No entanto, essas duas correntes teóricas desprezam o significado e conseqüentemente os usuários da língua, a cultura, interação e experiência humanas. Por esta razão, os formalistas não conseguiram explicar, por exemplo, as expressões idiossincráticas da língua bem como as construções irregulares (para nós em especial as metáforas), pois tais fenômenos estão ancorados na cognição humana e, portanto, na cultura do falante. Se levarmos em consideração a Teoria dos Traços e o significado linguístico, explicaríamos uma construção como “A estrada por que passei estava parcialmente interditada”, segundo a qual o elemento “estrada” porta o seu significado linguístico, pois é um fenômeno regular da língua. Contudo, pela mesma teoria, não explicaríamos a construção “A estrada desta vida está difícil sem você”, segundo a qual o sentido do mesmo elemento “estrada” não tem previsibilidade nem transparência, já que sua construção é metafórica.

Desta maneira, observa-se que a “Hipótese Forte da Composicionalidade” não se aplica ao conhecimento cultural, uma vez que este está relacionado à experiência, à cultura, à condição social, ao período histórico, etc. É fundamental observarmos também que embora as teorias formalistas mencionadas tenham contribuído expressivamente para o estudo do significante, não foram satisfatórias no estudo do significado, objeto da Semântica, que hoje une forma, cognição e cultura para desvendá-lo.

4. A linguística cognitiva e os estudos da linguagem

A linguística cognitiva redefiniu os estudos da linguagem a partir de três hipóteses sociocognitivas quais sejam a insuficiência do significante, o caráter partilhado da significação e a força da experiência física, corporal e social na constituição dos significados. De acordo com a primeira hipótese, podemos depreender que a forma linguística é apenas uma pista suscitadora do significado, uma vez que este é proveniente da ação conjunta. A segunda hipótese prevê a relação triádica na qual o símbolo é motivado a partir da ação inte-

grada entre o “eu”, o “outro” e o “mundo”, ou seja, ele não é nem arbitrário nem previsível. A terceira hipótese está ancorada na força da experiência para a construção do significado, considerando o corpo como cerne do pensamento e da linguagem. Com isso, incorporam-se as situações particulares de uso da linguagem às estruturas linguísticas para a interpretação do significado, sobretudo das idiossincrasias, até então consideradas exceção. Dessa forma, podemos perceber que o ser humano é biológico e cultural ao mesmo tempo, sendo a experiência biológica imprescindível para juntamente com a experiência cultural desvendarem os significados.

5. *Metáfora conceptual/tipologia*

De acordo com abordagens tradicionais, a metáfora está relacionada ao emprego literário e/ou retórico, sem valor cognitivo. Sendo assim, ela seria um fenômeno verbal, desassociado dos usos cotidianos da linguagem, ou seja, seu uso tradicional estaria ligado apenas à ornamentação de textos literários. Contudo, a metáfora é um mecanismo fundamentalmente conceptual e cognitivo através do qual raciocinamos e compreendemos conceitos abstratos de nosso dia a dia em termos de outros mais concretos; Lakoff (2002) diz “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.” (LAKOFF, 2002, p. 48). Segundo George Lakoff (2002), o ser humano conceptualiza e categoriza o mundo à sua volta a partir de sua experiência corporal, de seus estímulos culturais, sociais e interacionais. Sendo assim, nossa mente projeta pensamentos metafóricos através dos quais mapeamos domínios conceptuais diferentes, transferindo elementos do domínio concreto (domínio fonte) para outro abstrato (domínio alvo), facilitando assim a compreensão de experiências novas integradas às anteriores. Logo, a metáfora torna-se um recurso de nosso pensamento que parte de nossas experiências corporais e de nosso cotidiano como esse autor retrata em seu livro *Metáforas da vida cotidiana*.

É importante ressaltar que as metáforas também podem se realizar de formas não linguísticas ou pensamentos, por exemplo, nas práticas sociofísicas e a realidade de nossa vida cotidiana. Se o que é importante é central, em um evento social, pessoas em alta posição social tendem a ocupar lugares físicos mais centrais do que as menos

importantes, porém nosso foco é na linguagem. Percebermos que ao mesmo tempo em que a metáfora destaca, ela também oculta. Da mesma forma que a metáfora nos levará a compreendermos um aspecto de um conceito em termos de outro, ela também ocultará outros aspectos do conceito em questão, isto é, a estrutura metafórica é parcial e não total. De acordo com Lakoff (2002) “quando dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode ser expandido de algumas maneiras e não de outras”. (LAKOFF, 2002, p. 57).

Analisaremos a presença de metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas nas canções sertanejas. Para isso faremos uma breve definição sobre cada uma delas, segundo George Lakoff (2002) em seu livro já mencionado. *As metáforas estruturais* ocorrem quando um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro como TEMPO É DINHEIRO e O AMOR É UMA VIAGEM. Nessa metáfora, entendemos que estruturar é corresponder os elementos similares de um domínio e de outro. *As metáforas orientacionais* estão relacionadas à nossa orientação espacial como para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás. Nesse tipo de projeção metafórica a base física são as experiências corporais do aparelho sensorio-motor como FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO. Por fim, *as metáforas ontológicas* são utilizadas de forma ampla e são a base para “conceber eventos, atividades, emoções, ideias, etc. como entidades e substâncias.” (LAKOFF, 2002, p. 76) Nossa experiência com os objetos e as substâncias físicas auxiliam na compreensão de conceitos, uma vez que através da personificação de entidades, temos nós mesmos como domínio-fonte. Ao identificarmos nossas experiências, podemos categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e, por conseguinte, raciocinar sobre elas. De acordo com Lakoff (2002), as metáforas ontológicas são necessárias para tentar lidar racionalmente com nossas experiências como em MENTE É MÁQUINA e INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE.

6. *Análise das metáforas nas canções sertanejas*

Para confirmar a existência e utilização abundante dessas metáforas no cotidiano, vamos analisar alguns exemplos nas canções

sertanejas de algumas duplas de sucesso: *Zezé di Camargo e Luciano*, *Gino e Geno*, *Teodoro e Sampaio* e *Chitãozinho e Xororó*.

6.1. A vida como trajeto / amor é trajeto

Eu quero este amor, viagem louca. (Salva meu coração - Zezé di Camargo e Luciano)

Não quero ser mais um na sua estrada (Toma juízo - Zezé di Camargo e Luciano)

Deixei meu lar pra seguir seu caminho. (Raízes sertanejas – Gino e Geno)

Que é melhor seguir outro caminho (Bebendo com os amigos – Teodoro e Sampaio)

O caminho eu já sei de cor. Desta vida marvada... (Vida Marvada Chitãozinho e Xororó).

Nesses trechos, observamos uma projeção metafórica na qual a vida/o amor seria um trajeto. Em “Eu quero este amor, viagem louca” podemos perceber que o *amor* (domínio alvo) é projetado para a *viagem* (domínio fonte) e em “não quero ser mais um na sua estrada” a *vida* (domínio alvo) é projetada para a *estrada* (domínio fonte). Como viagem e estrada são experienciados por nós através de nosso corpo, podemos compreender amor e vida pela metáfora estrutural do trajeto, na qual poderíamos destacar os elementos: os amantes como viajantes, o trajeto como a vida no dia a dia e o destino como objetivo. Em “Deixei meu lar para seguir seu caminho” e “Que é melhor seguir outro caminho” observamos que *caminho* (domínio fonte) é projetado para a *vida* (domínio alvo). Novamente conceitos concretos de base física corporal projetam-se metaforicamente para conceitos abstratos; fica mais fácil compreender a *vida* através do *caminho* que podemos percorrer. Nessa metáfora, nós, seres humanos, somos os viajantes projetados para os amantes, o trajeto projetado para o dia a dia e o caminho, para a vida a dois.

6.2. A vida é um jogo / amor é um jogo

Eu sem juízo, faço o seu jogo. (Sem medo de ser feliz – Zezé di Camargo e Luciano).

Eu juro que eu jogo limpo, fui bom jogador, mas fui trapaceado. No jogo do amor, pelo adversário, que era meu amigo. (Troféu de dor Gino e Geno).

A vida é como um jogo. Um dia a gente perde, o outro a gente ganha. (A vida é como um jogo – Chitãozinho e Xororó)

Também estou nesse jogo eu já amarrei um fogo por causa da gostosona. (Gostosona – Teodoro e Sampaio).

Em “Eu sem juízo, faço seu jogo” e “Eu juro que eu jogo limpo” podemos observar a projeção metafórica do *amor* para o *jogo*, em os *jogadores* (domínio fonte) se projetam para os *amantes* (domínio alvo). Como *jogo* é um conceito que experienciamos através do nosso aparelho sensorio motor, podemos compreendê-lo facilmente; logo o projetamos para o *amor*, que por ser um conceito abstrato é de difícil compreensão. Ao dizer “faço o seu jogo”, o autor pode estar referindo-se à submissão às regras do parceiro e que ambos estão do mesmo lado; já em “jogo limpo” percebemos que há um desabafo por parte de um dos adversários, pois os amantes (jogadores) não estão do mesmo lado; se um deles diz que joga limpo é porque é sincero no relacionamento ao passo que o outro (o adversário) não o é, pois trapaceia “Mas fui trapaceado”. Podemos notar através da metáfora AMOR É UM JOGO que nem sempre o relacionamento é sincero, pois em se tratando de jogo, ocorrem disputas nas quais os amantes (adversários) podem se tornar trapaceiros ao mentirem ou traírem. Contudo, se o relacionamento está bem, os amantes tornam-se parceiros nesse jogo, pois jogam do mesmo lado.

6.3. Amor é guerra

Eu já fiz de tudo pra não te perder, briguei com o mundo, lutei por você (Vem cuidar de mim – Zezé di Camargo e Luciano).

Lutei por ela com dentes e unhas e Deus é testemunha ela judiou de mim. (Largue mão dessa mulher – Teodoro e Sampaio).

Nessa metáfora estrutural, notamos que os elementos do domínio fonte “os guerreiros” projetam-se para o domínio alvo como “os amantes”. Os verbos *briguei* e *lutei* já denotam esse cenário bélico que se projeta para os eventos do relacionamento amoroso; o verbo *perder* remete aos danos sofridos pelos amantes projetados metaforicamente pelos prejuízos aos guerreiros. Em “Lutei por ela com

dentés e unhas” também observamos essa característica bélica através do verbo *lutei* reforçado pela expressão popular “unhas e dentes”, explicitando a garra com que os *amantes/ guerreiros* lutam para alcançar seu objetivo: a *vitória* (domínio fonte) projetada para o *domínio do parceiro* (domínio alvo). Em contrapartida, temos “ela julgou de mim” em que o verbo *judiar* expressa a superioridade da mulher nesse relacionamento, uma vez que ela domina o parceiro, levando-o à *rendição* (domínio fonte) projetada pela submissão do parceiro em *concessão do controle* (domínio alvo).

6.4. Amor é loucura

Enlouqueceu o meu coração (Irresistível – Zezé di Camargo e Luciano)

Por amor, quantas loucuras eu já fiz. (Felicidade que saudade de você- Zezé di Camargo e Luciano)

O nosso amor é loucura. (Delícias do amor - Teodoro e Sampaio).

Mas se a gente ama, não tem jeito, faz loucura, perde a razão. (Tudo Por Amor - Chitãozinho e Xororó).

Nessa metáfora temos o amor estruturado em termos da loucura, as similaridades entre esses dois sentimentos nos levam a estruturar tais conceitos. Em “enlouqueceu meu coração” e “...Por amor, quantas loucuras eu já fiz...” o verbo *enlouqueceu* e o substantivo *loucuras* são projetados metaforicamente para as *ações dos amantes*; assim como os *loucos* projetam-se para os *amantes*. Ora, se quem ama é capaz de cometer atitudes impensadas e imprudentes, ele pode ser comparado a um louco que também age irracionalmente. Como a *loucura* pode ser experienciada, nós a projetamos para o *amor* que é um sentimento através do qual, no auge da paixão, nos leva a agir sem pensar.

6.5. Amor é fogo, que queima

Uma luz de fogo, o meu corpo vem queimar (Vem ficar comigo – Zezé di Camargo e Luciano)

Eu me queimei no fogo do amor. (Sem medo de ser feliz – Zezé di Camargo e Luciano).

Amantes ardentes com todas as sedes (Perigosas Emoções - Chitãozinho e Xororó)

Quero me queimar no seu calor, quero te encher de amor. (Uma noite especial – Chitãozinho e Xororó).

Assim como a metáfora “Amor é loucura”, “Amor é fogo” é uma metáfora estrutural, na qual os conceitos de *amor* e *fogo* se misturam devido às suas similaridades. Em “Uma luz de fogo, o meu corpo vem queimar”, o amor (domínio alvo) é projetado metaforicamente pelo fogo (domínio fonte), pois este é concreto, visível e, portanto, experienciado pelo nosso aparelho sensorio motor. Sendo assim, compreendemos mais facilmente como o amor pode queimar. Se o calor/luz do fogo nos queima, entendemos essa propriedade do amor; o próprio verbo *queimar*, usado metaforicamente em vários exemplos extraídos das canções confirma essa projeção. Além disso, o fogo assume o papel de causador, projetando-se para o amor que causa *os desejos ardentes, o calor e que queima*, todos para expressar o domínio abstrato das sensações humanas diante desse sentimento que é tão arrebatador quanto o fogo é destruidor.

6.6. Tempo é um objeto móvel e nós estamos parados

O tempo passa (O tempo passa) (Não é Papel da Gente - Chitãozinho e Xororó.).

Partindo do TEMPO, um conceito abstrato e que não percebemos pelos nossos sentidos, os autores Lakoff e Johnson (2002) selecionam características mais concretas que permitem projetar um domínio no outro. O ser humano entende o tempo como algo que está à frente ou atrás de si (especialmente) ou que ele está parado e nós nos movimentamos em torno dele. Temos aqui um exemplo de metáfora orientacional TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO ou O TEMPO PASSA POR NÓS. No exemplo “...o tempo passa” comprovamos que o tempo é um objeto em movimento, pois essa expressão linguística compõe a metáfora de que o tempo é um objeto que se move. O domínio alvo é o TEMPO projetado pelo domínio fonte OBJETO MÓVEL. Há um apelo para que se atente ao fato de que o que passa diante de nós é o passado e não há como voltar atrás para recuperá-lo.

6.7. Sucesso é destruição

E quando chega num pagode ela arrasa. (Bola da vez Gino e Geno).

Ela usa saia curta, ela arrasa, ela detona. (Gostosona - Teodoro e Sampaio).

Temos nesses exemplos “Ela arrasa” e “Ela detona” um tipo de metáfora cada vez mais frequente, na qual os verbos “arrasar” e “detonar” dentre outros necessitam sintaticamente de um objeto direto, porém este está implícito nas orações devido a questões morais por se tratarem de verbos destrutivos. Esses são exemplos que se referem a domínios conceptuais vetados, por isso os verbos transitivos diretos foram destransitivizados. Se o sucesso leva à competição, esta pressupõe uma guerra no universo da concorrência que ocasionará a omissão dos objetos diretos, pois estes são na verdade o *adversário* que será *arrasado*, *detonado* por *ela*; nessa metáfora, o conceito de *agressor* (domínio fonte) projeta-se para o *sucesso* (domínio alvo).

6.8. Feliz é para cima; triste é para baixo/ bom é para cima; ruim é para baixo

Levanta a cabeça, meu bem (...) levanta a cabeça fale aqui comigo. (Ex-mulher - Teodoro e Sampaio)

Diz que eu posso estar no maior alto astral. (É mentira dela – Teodoro e Sampaio).

Eu já fui pobre daquele de andar na lona. Mas eu venci e dei a volta por cima. Jamais eu vou pisar em quem ta lá em baixo. (Só dou carona para quem dá pra mim – Teodoro e Sampaio).

Chegou no fundo do poço escuto o povo gritar. (No fundo do poço – Teodoro e Sampaio)

Nos trechos acima temos o que chamamos *metáfora orientacional*, visto que indicam uma orientação espacial, de base física. Em “Levanta a cabeça” e “alto astral”, temos um exemplo dessa metáfora em que a postura caída corresponde à tristeza e depressão e a postura ereta corresponde a um estado emocional positivo. Nos trechos “andar na lona”, “a volta por cima”, “quem ta lá em baixo”, “fundo do poço” correspondem à metáfora BOM É PARA CIMA; RUIM É PARA BAIXO. O que é bom para uma pessoa se caracteriza para cima e o que é ruim, para baixo.

6.9. Personificação

Solidão me ataca. (Cara de boi - Gino e Geno).

Solidão me arrasa. (Chorei, chorei - Gino e Geno)

A paixão me devora e essa dor não quer passar. (Vem me amar - Gino e Geno).

A saudade devora o meu coração. (Eu e a lua – Teodoro e Sampaio).

Nos exemplos “Solidão me ataca”, “Solidão me arrasa” e “A paixão me devora” temos tipos de metáforas ontológicas, expandidas pela personificação. Em todas percebemos o que não é humano agindo como se o fosse. A solidão e a paixão foram personificadas e poderíamos ter as metáforas SOLIDÃO É DESTRUIÇÃO e PAIXÃO É DESTRUIÇÃO respectivamente como submetáforas de AMOR É GUERRA, pois em ambos os casos observamos verbos de caráter destrutivo, quais sejam *atacar*, *arrasar* e *devorar* dentre outros. Dessa forma, pensamos na solidão e na paixão como algo que pode nos ferir ou até destruir/matar. De acordo com Lakoff (2002) “o que todas têm em comum é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características.” (LAKOFF, 2002, p. 88). Assim, conceitos abstratos como *solidão* e *paixão* são projetados para o domínio humano como causadores de sofrimento, tornando-se dessa maneira mais compreensíveis para nós.

7. Considerações finais

Na presente análise verificou-se que ocorreu a predominância das metáforas ontológicas e das estruturais, sobretudo esta última. Levanta-se a hipótese de que como essas canções tratam, principalmente, do amor, que é um conceito abstrato, busca-se através dessas metáforas estruturais e ontológicas descrever e explicar as sensações que esse sentimento, ou outros, provoca nos seres humanos.

Observou-se que, assim como na vida cotidiana há um uso abundante de metáforas, também há tal uso nas canções, visto que estas falam sobre as ocorrências do dia-a-dia. Para compreender conceitos abstratos como o amor, a solidão e outros sentimentos, as me-

táforas acima mencionadas são fundamentais para essa compreensão, sendo estruturadas sobre conceitos baseados em termos de experiências básicas, por serem mais familiares ao nosso entendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAKOFF, George & MARK, Johnson. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: *Veredas* Revista de Estudos Linguísticos – UFJF. V. 3, nº 1, jan/jun, 1999. Juiz de Fora. EDU FJF, 1999.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*; tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.